



Filomena, 37 anos, 65h de trabalho por semana

Há muito que Filomena não sabe o que é ter uma vida normal, feita de trabalho mas também de tempos livres, de jantares em casa, serões a ver televisão, idas ao cinema ou simplesmente descanso. Desde que, há 12 anos, decidiu comprar casa e ir viver sozinha, os seus dias praticamente deixaram de ter pausas. É licenciada em Arqueologia, mas nunca conseguiu emprego na área. Faz trabalho administrativo num escritório de advogados, em Lisboa, onde ganha pouco mais de €700, um salário que fica muito longe de cobrir todas as despesas. Só o empréstimo da casa chega aos 400. Por isso, acumula dois empregos desde 1998. Todos os dias, às 19h, depois de oito horas de trabalho, sai do escritório, atravessa a cidade e entra a correr numa empresa de call-center, onde fica a atender telefonemas até à uma da manhã. Muitos fins de semana faz mais umas horas. “Com os dois empregos, o dinheiro chega à justa. Se tivesse só um, não conseguia viver”, diz. Habitou-se a dormir pouco, nunca mais de seis horas por noite. Os muitos cafés que toma mantêm-na acordada, mas não lhe tiram um cansaço permanente. Os “anos de loucura” estão, no entanto, prestes a chegar ao fim. O namorado queixa-se do pouco tempo que estão juntos e fez-lhe um ultimato: até ao final do ano deverá deixar o call-center. Querem ter filhos. E uma vida normal.

Pedro, 30 anos, 54h de trabalho por semana

Ao contrário de muitos trabalhadores, Pedro não sofre da ‘neura’ de segunda-feira nem encara a sexta com especial boa disposição. Para ele, todos os dias da semana, sábados e domingos incluídos, são sinónimo de trabalho. Licenciado em Psicologia, Pedro acumula dois empregos há um ano e meio. Durante a semana é técnico de recursos humanos numa grande empresa de construção, onde o volume de trabalho o obriga muitas vezes a estender por várias horas o horário das 9h às 18h. Aos fins de semana trabalha num call-center — oito horas ao sábado, cinco ao domingo. “Fisicamente é esgotante. Sinto muitas vezes os músculos doridos do cansaço e noto que me falha a memória por causa da falta de descanso. Esqueço-me das chaves, da carteira, disto e daquilo”, conta. “Há alturas em que penso que não vou aguentar muito mais”. Mas lá vai aguentando. Os €1200 que ganha como técnico de recursos humanos chegam à justa para pagar a casa, o condomínio do prédio, as contas de água, luz e gás, a prestação do carro e a alimentação. ‘Luxos’ como ter Internet, jantar fora, ir ao cinema, passar férias ou visitar ocasionalmente os pais na Madeira, onde vivem, estavam fora de questão se não tivesse o segundo emprego, onde consegue amearhar mais €300. “Consegui ganhar algum poder de compra, mas perdi qualidade de vida. Espero um dia poder ter as duas coisas”.

TRÊS PERGUNTAS A

Eugénio Rosa

Economista

■ Há quase 300 mil portugueses com duplo emprego. O número reflete a realidade ou peca por defeito?

■ O número real é mais elevado. Além do duplo emprego, há milhares de pessoas obrigadas a fazer biscates para complementar o salário e conseguir sobreviver.

■ Qual é o perfil das pessoas com duplo emprego?

■ São fundamentalmente jovens até aos 35 anos. Os ordenados são muito baixos e nos primeiros anos de carreira ainda mais. Para a maioria dos jovens só restam duas alternativas: ou mantêm-se a viver em casa dos pais ou têm de encontrar um segundo emprego para conseguirem ter uma vida autónoma. Em ambos os casos, isso significa um sacrifício da vida pessoal e um adiamento dos compromissos familiares.

■ Apesar da crise, o duplo emprego diminuiu. Porquê?

■ Nas alturas de crise é natural que as pessoas sintam mais necessidade de ter duplo emprego, mas também é mais difícil consegui-lo — porque as empresas têm tendência para eliminar os trabalhadores com vínculo precário e os casos de segundo emprego são, quase todos, recibos verdes.

Movimentos de protesto crescem nas redes sociais

Movimento ‘Geração à Rasca’ promete reunir milhares de jovens descontentes a 12 de março. Mas demarca-se de ações mais radicais propostas na Net

O descontentamento de milhares de portugueses desempregados ou com trabalhos precários e mal remunerados não tem parado de crescer na Internet. Nas últimas semanas, multiplicaram-se os movimentos de contestação e a confusão instalou-se a propósito do protesto da “Geração à Rasca”, agendado para 12 de março em Lisboa e noutras cidades do país.

O cartaz do movimento, que já conta com mais de 25 mil inscritos no Facebook, acabou por ser utilizado por outros grupos de protesto entretanto criados nas redes sociais. Um deles apela a uma megamanifestação, ainda sem data marcada, que reúna um milhão de pessoas na Avenida da Liberdade, em Lisboa, “pela demissão de toda a classe política”.



Naquela rede social, há várias páginas com títulos idênticos, reunindo pessoas de diversas orientações políticas, desde monárquicos ou anarquistas até apoiantes de extrema-direita que afirmam “não se ter rendido no 25 de abril”.

Os quatro criadores do movimento “Geração à Rasca” — ex-colegas de curso, atualmente desempregados ou em situação precária — já se demarcaram destas iniciativas, rejeitando a tentativa de “colagem” por parte de outros grupos ou de quaisquer agentes políticos.

Reforçam que o protesto que agendaram — o único com data marcada — é “apartidário, laico e pacífico” pelo direito ao emprego e a salários dignos e pelo fim da precariedade. E pretende apenas lançar o debate na sociedade portuguesa relativamente à situação de todos os “desempregados, ‘quinhentoseuristas’, escravos disfarçados, contratados a prazo, falsos trabalhadores independentes, estagiários, bolseiros” e outros mal remunerados.

RECEITAS E DESPESAS

€778

foi, em 2010, o rendimento médio mensal líquido em Portugal, segundo as Estatísticas do Emprego divulgadas na semana passada pelo INE

€1018

é o valor total das despesas mensais médias de um adulto sem filhos, segundo o último Inquérito às Despesas das Famílias elaborado pelo INE (os dados remontam a 2005/06). Numa família com um filho os gastos sobem para os €1777 e chegam quase aos 2000 no caso de agregados familiares com duas crianças a cargo. As despesas com a habitação, incluindo a renda ou prestação do empréstimo ao banco e o pagamento de contas de água, luz e gás, roubam a maior fatia do orçamento. A alimentação surge a seguir.